

O PRECURSOR DA ALTA COSTURA

The Haute Couture Predecessor

Debom, Paulo;
Doutor; Universidade Candido Mendes, paulodebom@gmail.com

Resumo: Diversos pesquisadores do universo da moda dedicaram algumas páginas em seus artigos para descrever a relevância do costureiro Charles F. Worth, principalmente por afirmarem que ele foi o pai da Alta Costura. Todavia, percebe-se uma grande carência no uso de fontes primárias nestes textos. Este artigo tem por objetivo repensar o papel deste criador por meio de documentos publicados na segunda metade do século XIX.

Palavras-chave: Alta Costura, Worth, Fontes primárias

Abstract: Several researchers from the fashion world have dedicated a few pages in their articles to describe the relevance of the dressmaker Charles F. Worth, mainly by claiming that he was the father of the Haute Couture. However, a great lack of the use of primary sources is noticed in these texts. This article aims at rethinking the role of this creator through documents published in the second half of the nineteenth century.

Mots-clés: Haute-Couture, Worth, Sources primaires.

Introdução

Charles Frederick Worth é um nome marcante para a compreensão do vestir há cento e cinquenta e oito anos. Ele é citado em diversos livros de História da Moda, seus vestidos são apresentados em exposições. Suas vestimentas se encontram na reserva técnica de importantes museus. Entretanto, quando se procuram propagandas de suas roupas nos jornais que circulavam em Paris, ao longo do período de Napoleão III (1852-1870), elas não aparecem, somente surgem imagens de divulgação das *maisons* Gagelin, Vignon & Palmyre, Camille Roger, etc. Quadro semelhante é encontrado nas colunas de Moda, onde há uma riquíssima descrição das silhuetas e alguns nomes de costureiros são citados frequentemente e o de Worth, raramente.

Um olhar mais apurado nos manuais de História do Traje revela uma carência de referências às fontes históricas. Em suma, muito é falado sobre o costureiro, contudo a deficiência nas informações apresentadas é algo que se tornou cada vez mais explícito ao longo desta pesquisa. Um exemplo é Gilles Lipovetsky, em sua obra *O Império do Efêmero* (2002, p. 71). Por exemplo, ao descrever a abertura da *maison* Worth, afirma que ele anunciou: “Vestidos e

mantos confeccionados, sedas e altas novidades”. No entanto, não indica qual a origem da informação. No levantamento feito nos periódicos da época, nada do tipo foi encontrado. Vale destacar que existia naquele momento um número grande de jornais dedicados ao vestuário e que, diante das limitações de tempo do pesquisador, foram digitalizados e analisados apenas uma parte deles. Logo, a citação do filósofo pode estar em alguma fonte não estudada, conquanto enfatiza-se que o autor, não somente neste ponto de seu livro, mas em vários outros, abre aspas e não fornece a procedência das citações. Destaca-se que existe no trecho supracitado um problema ligado à tradução. Seguem duas versões e, por último, o texto original:

Na versão brasileira: “Worth **anuncia**: vestidos e mantôs confeccionados, sedas, altas novidades”. (LIPOVETSKY, 2002, p. 71).

Na tradução inglesa: “Worth **advertised** ready-made dresses and coats, silk goods, top-nouch novelties”. (LIPOVETSKY, 2002, p. 57).

No original, em francês: “Worth **affiche**: robes et manteaux confectionnés, soieries, hautes nouveautés”. (LIPOVETSKY, 2002, p. 83).

Os termos *anuncia* e *advertised* passam a ideia contemporânea de publicidade, logo induzem o leitor a pensar em jornal ou revista. Todavia, *affiche* indica mostrar ou expor em cartaz. Provavelmente, a chamada foi exposta na vitrine da recém-criada loja.

Diante do vácuo, o caminho encontrado foi o das colunas sociais de alguns jornais franceses, como por exemplo, *Le Monde Éléphant*, *Musée des familles*, *La Vie Parisienne*, *Le Moniteur des Dames et des Demoiselles* e *Journal de Demoiselles*. Nelas, algumas das lacunas são preenchidas, pois os trajés femininos não somente eram descritos, como também eram feitas menções àqueles que os confeccionaram, como por exemplo, Worth. Também fornecem importantes dados, a coletânea de matérias do jornalista Hippolyte Taine reunidas na obra *Notes sur Paris* (1867), a entrevista cedida por Worth a F. Adolphus, em 1871, para a *Blackwood’s Magazine*, que se encontra no livro do jornalista *Some memories of Paris* (1895), as memórias da princesa Pauline de Metternich, *Je ne suis pas jolie, je suis pire - Souvenirs 1859-1871* (2008), a obra *Souvenirs et correspondances par Mme. Octave Feuillet* (1890) e os livros escritos pelos filhos de Worth, Gaston e Jean-Philippe, respectivamente *La couture et la confection de vêtements de femmes* (1895) e *A century of fashion*

(1928). Enfatiza-se que as citações neste artigo foram feitas na língua original, porém todas encontram-se traduzidas ao final do texto.

Ao longo dos anos 1970, Diana de Marly, historiadora da arte, escreveu a obra *Worth: Father of haute couture*. O livro foi publicado pela primeira vez em 1980, na Inglaterra e nos Estados Unidos; e em 1990, teve sua segunda edição. A autora apresenta uma descrição detalhada sobre a vida do costureiro. Em algumas partes, fornece referências a documentos da época, em especial, jornais e fotografias. Entretanto, em várias outras, principalmente nos que tangem à trajetória pessoal de Worth, não exhibe fontes. Descreve alguns bailes e cerimônias sem indicar de onde as informações vieram. Em algumas seções, o tom de romance ou os anacronismos vêm à tona. Ao tratar dos conflitos entre o jovem Worth e seu patrão, o empresário Gagelin, descreve:

[...] Worth felt it was about time his employers showed him more respect. He was never more than a leading salesman [...]. Moreover, Gagelin was never considerate to Marie Worth. She worked at her husband's side and continued to do during her pregnancies [...]. When she was not on her feet all day modelling, she was helping to sell dresses [...]. Worth therefore asked if he might not rent some empty rooms in the building to make life easier for Marie, but Gagelin refused! (MARLY, 1990, p. 30)¹.

O procedimento ocorre em diversos pontos da biografia. A trilha percorrida para minimizar o problema foi buscar as informações nas colunas sociais da época as cerimônias sobre as quais a autora escreveu. Não foi possível localizar exatamente o que ela registrou, somente alguns dos eventos contados de outras formas. Há descrições feitas pela escritora que puderam ser confirmadas nos livros de memórias de personagens da época, como os da Princesa Metternich, Madame Octave Feuillet, etc. Assim sendo, o entrecruzamento de diferentes textos foi o meio que viabilizou a utilização da obra de Diana de Marly neste trabalho.

Maison Worth & Bobergh

Em 1857, junto com sua esposa e de Otto Bobergh, abriu a *maison* a Worth & Bobergh no número 7 da rue de La Paix, área de grande destaque no comércio de roupas. As vendas inicialmente se mostraram tímidas, porém, gradativamente aumentaram. Encontrar uma brecha dentro do campo do vestuário de luxo era algo para o qual a palavra *árduo* pode ser considerada leve.

O espaço social parisiense mostrava-se cada vez mais heterogêneo. O crescimento da metrópole, gerou uma maior diversificação dos diversos campos de forças que se digladiavam. No campo da Moda, a disputa era acirrada. Diversos nomes poderosos foram enfrentados, como Gagelin, Vignon & Palmyre, Barenne, Delisle, Foucqueteau, Camille Roger, Delatour, entre outros (*Journal de Demoiselles*, 1858-1860)². Ressalta-se que, na maioria destes ateliês, as roupas femininas eram confeccionadas por mulheres, logo Worth entrava no campo de batalha com um diferencial que poderia ser virar contra ele mesmo. Entretanto, tal fato não aconteceu. Ao contrário, com o passar dos anos, o número de homens que passaram a fazer roupas para mulheres cresceu. As formas de se fazer Moda implementadas pela nova empresa, aos poucos, alteraram o cenário do jogo.

Num campo, e esta é a lei geral dos campos, os detentores da posição dominante, os que têm maior capital específico, se opõem por uma série de meios aos [...] recém-chegados, chegados-tarde, arrivistas que chegaram sem possuir muito capital específico. Os antigos possuem estratégias de conservação que têm por objetivo obter lucro do capital progressivamente acumulado. Os recém-chegados possuem estratégias de subversão orientadas para uma acumulação de capital específico que supõe uma inversão mais ou menos radical do quadro de valores, uma redefinição mais ou menos revolucionária dos princípios da produção e da apreciação dos produtos [...] (BOURDIEU, 1983, p.2).

A nova *maison* tinha por objetivo vestir as mulheres dos mais altos estratos sociais franceses. Para tal, era necessário cair nas graças da Imperatriz Eugène de Montijo. Foi um processo um pouco demorado, mas que definiu o futuro de Worth. Duas mulheres foram essenciais para abrir o caminho até a soberana: madame Feuillet e princesa Pauline de Metternich

Em 1858, Madame Feuillet – frequentadora assídua dos eventos da corte – na véspera de uma recepção imperial, recebeu de sua costureira um vestido que odiou. Para tentar resolver o problema, decidiu tentar usar algo de Worth, profissional muito bem recomendado por algumas mulheres afortunadas. Ele a recebeu pela manhã bem cedo e aceitou o desafio de preparar o traje em um espaço de tempo tão curto. Charles e a cliente trocaram várias ideias e a peça foi confeccionada praticamente em seu corpo ao longo de um único dia. O cabelo e a maquiagem foram feitos no próprio ateliê, de onde ela saiu diretamente para a festa (FEUILLET, 1890, p. 200-206).

Sua roupa foi extremamente elogiada e chamou a atenção da Imperatriz:

Dites-moi le nom de votre couturière !
Votre Majesté, il est un homme, un Anglais
Je ne crois pas. Un homme? Et qu'est-ce qu'il a appelé?
Son nom est Worth.
Un homme? L'idée d'un homme confectionner mes robes
est étrange et presque indécent (Idem, *Ibidem*, p. 208)³.

Apesar de ter apreciado a indumentária, o fato de um homem preparar roupas para uma mulher lhe soava estranho. Naquele momento, Worth não conseguiu alcançar sua cliente mais cobiçada, todavia conseguiu que seu nome chegasse aos ouvidos dela. No final dos anos de 1850, o número de homens que se dedicavam a fazer roupas para mulheres havia aumentado consideravelmente, porém, a Imperatriz Eugênia era muito católica e se mostrava conservadora diante de práticas que indicassem mudanças nos padrões morais estabelecidos (FEUILLET, 1890, p. 209).

Entre 1858 e 1860, algumas senhoras oriundas da burguesia trajaram Worth em bailes aristocráticos, no entanto, para atingir a mais alta clientela e a própria esposa de Napoleão III era necessário que uma mulher que ostentasse um título de nobreza e que tivesse acesso à corte, trajasse suas roupas em eventos oficiais. Tentativas foram feitas sem sucesso, até que, em 1860, Marie Augustine Worth conseguiu ser recebida pela embaixatriz da Áustria, princesa Pauline de Metternich. Abaixo a descrição do curioso encontro:

J'étais un matin tranquillement installée à lire dans mon salon, lorsque ma femme de chambre parut, tenant un album en main. Je lui demandais ce qu'elle apportait, et elle me répondit : « Il y a chez moi une jeune femme qui voudrait que Votre Altesse daignâtes jeter un coup d'œil sur les dessins contenus dans ce livre. Ce sont les croquis des toilettes que fait son mari. Celui-ci serait, très désireux de faire une robe pour vous, n'importe à quel prix, pourvu qu'il vous en fasse une! » Je m'informai du nom de l'individu : « Il s'appelle Worth, un Anglais qui ose prétendre faire des toilettes de femmes à Paris, voilà une idée étrange, m'écriai-je, je n'en veux sous aucun prétexte. Votre Altesse ferait bien cependant de regarder les croquis, répliqua ma femme de chambre, ils me semblent charmants. Laissez voir, repris-je d'un air ennuyé, je doute fort que les toilettes de votre Anglais soient à mon goût! » J'ouvrais l'album et quelle ne fut pas ma surprise, lorsque à la première page je vis une toilette charmante, à la seconde une toilette ravissante!... Immédiatement, je flairai l'artiste, et je dis à ma femme de chambre : « Amenez-moi l'Anglaise. — Ce n'est pas une Anglaise, c'est une Française pur sang », me fut-il répondu et, au bout de peu d'instant, je vis apparaître madame Worth, modeste, timide et rougissante! Elle me dit que son mari, qui avait été premier commis chez Gagelin, — le grand faiseur de l'époque, — venait de s'établir avec un Suédois, un certain Bobergh, et qu'ils étaient installés rue de la Paix, 7; que ces messieurs, très désireux de me compter au nombre de leurs clientes, me priaient de bien vouloir faire une robe chez eux et que je n'avais qu'à dire le prix que je voulais y mettre. (METTERNICH, 2008, p.131-132)⁴.

Pauline solicitou dois vestidos, um para o dia e o outro para a noite. Sendo que este último deveria ser muito belo e luxuoso, pois ela tinha por objetivo usá-lo no próximo baile no Palácio de *Tuileries*. Quanto ao preço, apenas 300 francos para cada. A equipe da *maison* deu o melhor de si trabalhando de forma compulsiva para que os trajes estivessem prontos em poucos dias. Ao recebê-los, Pauline ficou encantada e disse que, com certeza, faria novas encomendas (Idem, *Ibidem*, 2008, p.132-133).

No baile, o traje foi realmente um sucesso e a resistência da Imperatriz em ter um costureiro do sexo masculino foi finalmente quebrada:

L'impératrice, en entrant dans la salle du trône où le corps diplomatique se tenait toujours réuni pour le cercle, aperçut en un clin d'œil le chef-d'œuvre! Lorsqu'elle vint à moi, elle me demanda de suite qui avait fait cette robe si merveilleusement jolie dans sa simplicité et son élégance. « Un Anglais, madame, une étoile qui se lève au firmament de la mode! — Et quel est son nom? — Worth. — Eh bien! reprit l'impératrice, que l'étoile ait des satellites, je vous prie de lui faire dire de venir chez moi demain matin à 10 heures! » Worth était lancé et j'étais perdue, car à partir de ce moment les robes à trois francs ne revirent plus le jour (Idem, *Ibidem*, 2008, p.133)⁵.

Worth foi recebido por Eugênia. Ela solicitou que fizesse apenas um vestido. Bobergh e Charles muito discutiram sobre o que poderia impressioná-la. Optaram por fazer um vestido bege com brocados vindos de Lyon. Ao apresentarem o resultado, a soberana imediatamente disse não gostar de brocados. Os dois explicaram que mulheres elegantes usavam aquele tipo de detalhe e que os materiais vindos de Lyon estavam entre os melhores da Europa. Ela novamente afirmou que não apreciava. Todavia, Napoleão III, que até então não havia se colocado, pontuou que por motivos políticos o vestido deveria ser portado por ela. Lyon era uma região que concentrava muitos empresários contrários ao governo, logo seria uma maneira de tentar uma aproximação com eles. Desta forma, Eugênia usou não somente aquele vestido, como também outros feitos por Worth, com materiais vindos da hostil província. Uma pomposa visita foi feita por ela às fábricas da região, trajando roupas específicas para que os laços entre os empresários e o Imperador se estreitassem. O plano foi um sucesso para o governo e para Worth (Harper's Bazar, março de 1895; MARLY, 1990, p. 40).

A partir daquele momento, um grande número de mulheres da aristocracia francesa dirigira-se à nova *maison* para obter seus trajes. Além disso, Worth e

Bobergh firmaram uma sólida parceria com diversos fornecedores de primeira linha: a seda e as rendas de Lyon; a musselina da Picardia; o algodão e a lã de Roubaix, Amiens e Inglaterra, entre outros (TÉTART-VITTU, 2013, p. 48; MARLY, 1990, p.80). Com o aumento da produção, a confecção de trajes se dividiu em dois tipos: os que eram feitos principalmente a mão com exclusividade para clientes específicas, ou seja, eram executados uma única vez; e os outros que eram preparados de forma mais mecânica e que não tinham o objetivo de serem únicos, logo eram produzidos em número maior (WORTH, 1895, p. 58).

O luxo era obrigatório na construção da aparência de Eugênia. Em geral, nada era discreto. Todavia, em alguns casos, a simplicidade necessária por razões políticas. Em abril de 1867, houve um grande baile, Worth havia preparado para Eugênia um volumoso vestido inspirado em Madame de Pompadour, todavia naquele dia chegou a Paris a notícia da prisão do Imperador Maximiliano no México, por este motivo, o traje teve que ser trocado às pressas, pois o acontecimento não era algo a ser comemorado. O costureiro e seus empregados fizeram, em um tempo mínimo, um modelo discreto para substituir o anterior: “We can finish a costume in twenty four-hours. French ladies have ordered a dress in the morning and danced at night. I once made a gown for the Empress Eugènie in three hours and a half” (LONERGAN, 1907, p.199)⁶.

Até o início dos anos 1860, as clientes da aristocracia recebiam as costureiras em suas próprias residências. Mesmo as grandes *maisons*, como a Gagelin, enviavam suas profissionais até elas. Na medida em que a Worth & Bobergh se firmou no mercado de luxo, o quadro foi alterado: eram as compradoras que tinham que se dirigir até lá para serem atendidas. Havia exceções, como Eugênia e Pauline de Metternich. Enfatiza-se que também era necessário agendar o horário das visitas, porém esta não era uma regra seguida com muito rigor.

O crítico literário Hyppolyte Taine, em seus textos, que foram compilados na obra *Notes sur Paris* (1867), foi um constante detrator de Worth:

Ce petit être sec [...] nerveux, qui a l'air d'un avorton roussi au feu, les reçoit en vareuse de velours, superbement étalé sur un divan, le cigarre aux lèvres. Il leur dit : « Marchez, tourne-vous ; bien; revenez dans huit jours, je vous composerai la toilette qui vous convient. ». Ce n'est pas elles que choisissent, c'est lui ; elles sont trop heureuses. Encore faut-il une introduction pour être servi de sa main. Madame Francisque B..., une personne du vrai monde élégante, vient le mois dernier commander une robe. « - Madame, par qui m'êtes-vous présentée ? –

Que voulez-vous dire ? – C'est qu'il faut m'être présentée pour être habillée par moi ». Elle s'en est allée suffoquée. D'autres restent en disant : « Qu'il me rudoie, mais qu'il m'habille » [...] (TAINÉ, 1867, p. 144-145)⁷.

O escritor Charles Dickens, editor do jornal *All the Year Round*, em dezembro de 1867, publicou uma interessante situação envolvendo uma senhora inglesa, ao se dirigir a um encontro com Worth sem ter sido indicada por qualquer cliente:

[...] Perhaps her husband has told her of the great English artist at home, who will not measure any ordinary person unless properly introduced by a customer of distinction. But he was quite in error: the man-miliner professes to know no distinction nor degree. He is open to all, like the law. Mrs. Jenkinater had her appointment [...] like a princess; [...]. She is shown into a drawing-room, and to her entered M. Worth, watch in hand. He throws his eye over the lady's figure, and at once "composes a dress". He knows what will suit the face and height. He has in general, very judicious theories. With some of the magnificent princesses who give him carte blanche, he is daring and splendid in his conception (DICKENS, 1867, p. 565)⁸.

O escritor Walter Loneragan, em seu livro *Forty years in Paris*, retrata seu encontro com o costureiro:

I had been attending the marriage of the daughter of Baron and Baroness Gustave de Rothschild with Baron Leonino of Milan, a relative [...]. All Paris, and all London as well, was interested in it. As I wanted to say something about the wedding relative to the dresses of the bride and the bridesmaids, which had been designed by the renowned M. Worth, I went to see that gentleman. He was kindly [...] He was a votary of the simple life, or was at any rate what the Irish would call a "fine, honest, decent and respectable man" [...] (LONERGAN, 1907, p.197-198)⁹.

O jornalista F. Adolphus, na obra *Some memories of Paris*, ao encerrar sua entrevista com o criador, relatou:

[...] I never met any of the Worths again. But I Always remembered them, and I remember them still, with hearty sympathy and with sincere gratitude for their most kind reception of me (ADOLPHUS, 1895, p. 200)¹⁰.

As linhas acima, quando confrontadas, mostram algumas diferenças sobre Worth. Taine, baseado no relato de uma cliente rejeitada, afirma que somente eram atendidas as mulheres previamente indicadas. Todavia, o periódico de Dickens descreve uma situação em que uma estrangeira desconhecida foi atendida como qualquer cliente que pudesse pagar por um vestido ali confeccionado. O primeiro escritor mostra um homem mal-humorado e grosseiro. Já o segundo, dá a ele apenas um ar blasé e autossuficiente. O

terceiro autor o coloca como uma pessoa muito atenciosa e educada. Adolphus o apresenta como um *lord*. Havia em torno da imagem de Worth uma aura mítica: o empresário arrogante, estúpido e autoritário que ocupava um pedestal quase inatingível; o artista formal, fechado e glorioso, porém acessível; o costureiro gentil, honesto e simples.

Havia também aqueles que viam seu trabalho como algo exagerado e que, por isso mesmo, encontrava espaço na alta sociedade. O jornal *La Vie Parisienne*, em cinco de fevereiro de 1870, publicou:

On ne devrait pas plus dire: La Mode, mais La Fantasie, car aujourd'hui un costume est une mosaïque rappelant plusieurs époques ou divers pays. Nous affectons du goût pour l'ancien, mais tout en restant capricieuses et fantasques [...] Regardez, entr'autres, Le magasin de la Paix; c'est là un de nos diamants les plus purs. Très pur! Voilà du luxe, du vrai luxe inspiré par le progrès de notre Empire et de notre Empereur anglais [...]¹¹.

Uma entrevista fornecida por Worth, em 1871, mostra-se elucidativa. O jornalista inglês F. Adolphus foi enviado a Paris pelo jornal *Blackwood*. Seu objetivo era escrever uma série de artigos sobre a situação da França após as turbulências do final do Segundo Império. Para realizar sua tarefa, optou por entrevistar pessoas de diferentes classes sociais, profissionais de categorias diversas, políticos, entre outros. Não foi a primeira e nem a última vez que esteve no país. O resultado destas estadias é a obra *Some Memories of Paris*, publicada em 1895. Nela, há um capítulo inteiro dedicado à entrevista que fez com Charles Frederick Worth.

Sua opção por entrevistar o criador é assim descrita:

[...] he was the complete realization, not only of the artistic theory and the commercial practice of women's dress [...]. the perfection of his success had enabled him to win the infinitely rare distinction of his name on his period: just as history talks of "the age of Pericles", of "the Augustan era", of "the times of the Medici", and of "le siècle de Louis Quatorze", so also had I often heard the Second Empire described as "l'époque de Worth" (ADOLPHUS, 1895, p.181)¹².

A citação acima é valiosa no âmbito deste trabalho, pois mostra a visão que um estrangeiro tinha do costureiro inglês a partir de opiniões que ouviu anteriormente. Ele faz referência ao caráter artístico dos vestidos confeccionados naquela *maison* e menciona a comparação feita na época entre o estilista e personagens históricas marcantes, como por exemplo, Luís XIV e Péricles.

O jornalista foi informado que marcar um horário com o costureiro era complicado, uma vez que seu ateliê era mais concorrido que um gabinete ministerial e que era mais fácil conseguir uma audiência com um rei. Para sua surpresa, o processo foi muito fácil. Adolphus chegou à loja, entregou seu cartão a um dos funcionários e disse que desejava marcar uma entrevista. Esperou um pouco. O próprio Worth foi até ele e disse que poderia atendê-lo no dia seguinte à noite em sua casa, que se situava próximo à cidade. Instruí-lo para ir até a *Gare Saint-Lazare*, onde um de seus filhos o acompanharia até a residência (Idem, *Ibidem*, p. 182-183).

No dia seguinte, ao iniciar a entrevista, explicou que, além de escrever uma matéria sobre a situação francesa após as guerras, deseja obter informações para seu estudo sobre os aspectos psicológicos que faziam parte das relações entre as mulheres e suas roupas. Sobre o primeiro assunto, Worth rapidamente respondeu que foi muito afetado. Relatou ter fechado a *maison* por vários meses, mas que seus negócios fluíam bem naquele momento. Ele havia perdido um número significativo de sua clientela. Porém, seus negócios com as mulheres estrangeiras cresciam. Eram oriundas de vários países, como por exemplo, Inglaterra, Rússia, Espanha, Peru e, principalmente, Estados Unidos. As últimas clientes desta última Nação eram as que mais gastavam. Menciona apreciar seu gosto pela quantidade e extravagância, pois, desta maneira, garantiam o sucesso financeiro de seu negócio: “As I say occasionally, they have faith and francs. Faith to believe me and francs to pay my bills. Yes, I like the Americans” (Idem, *ibidem*, p. 194¹³).

Destaca-se que algumas regiões dos Estados Unidos estavam em ampla ascensão em meados do século XIX, logo era uma prática comum ir a Paris para se obter as últimas modas. Um dado que corrobora esta afirmação é o fato de que a maior parte dos vestidos de Worth que ainda existem hoje encontram-se em museus americanos, como por exemplo, o Metropolitan (Nova York), o Museu do Brooklyn (Nova York) e o Museu de Belas Artes (Boston).

Quanto à questão de Adolphus sobre as relações psicológicas entre as mulheres e as roupas, Worth demonstrou espanto:

[...] I never thought of it in that way [...]. Influence of dress on women's character? [...] What a question. Do you mean you say you don't know? Why women dress, of course for two reasons: for the pleasure of making themselves beautiful, and for the still greater joy of snuffing out the others [...] (ADOLPHUS, 1895, p. 189)¹⁴.

O jornalista insistiu na questão. Perguntou se elas não identificavam nas roupas traços de sua personalidade, se não trajavam para harmonizar sua essência interior. Obteve como resposta:

[...] I should say no; because you see, the women who come to me want to ask for my ideas, not to follow out their own. They deliver themselves to me in confidence and I decide for them; that makes them happy. If I tell them they are suited, they need no further evidence. My signature to their gown suffices! [...] (Idem, *Ibidem*, p. 189)¹⁵

Adolphus perguntou se não havia rebeldes, ou seja, mulheres que desejavam impor sua opinião. Worth disse:

Choice? Yes, but only between my various suggestions. And very few do even that; most of them leave it all to me [...]. My business is not only to execute but especially to invent. My invention is the secret of my success. I don't want people to invent for themselves; if they did, I should lose my trade [...] (Idem, *Ibidem*, p. 190)¹⁶.

Os diálogos explicitam a imagem mítica que se construiu ao redor do estilista e, ao mesmo tempo, a firma e a descontrói. A sua inacessibilidade e antipatia, neste relato, são inexistentes. Apesar de ocupado, ele atendeu rapidamente o jornalista, deixou a entrevista agendada e enviou seu filho para guiá-lo. Nas linhas de Adolphus, percebe-se que, mesmo sendo acessível, Worth se mostra, em seu trabalho, muito centralizador. Via nas mulheres a necessidade de se vestir para poderem se exibir diante das outras, preferencialmente, apagando o brilho das demais. Sendo assim, por ele ser o mais famoso profissional no que se referia ao luxo feminino, elas o obedeciam. Exemplos citados neste artigo mostraram que ele conquistou esta posição aos poucos e no que se referia a algumas mulheres, como Eugênia de Montijo, Madame Feuillet e Pauline de Metternich, havia um diálogo sobre o que era confeccionado.

Pai da Alta Costura?

Worth, mesmo comercializando peças confeccionadas com o uso da máquina de costura e produzidas sem caráter de exclusividade, desenvolveu um setor de criação em que os vestidos eram costurados basicamente à mão, nas medidas das clientes e com a garantia de que não haveria reprodução do traje. Em um período, em que a produção se tornava cada vez mais mecanizada e massificada, seu trabalho, mostrou-se de certa forma um resgate do artesanal

em uma linha semelhante ao que era produzido na Moda antes da Revolução Industrial.

Colocar etiquetas com o nome do fabricante em peças de roupas e acessórios não foi uma invenção que ocorreu no Segundo Império. Desde os anos de 1820, já eram encontradas lojas que tinham esta prática. Entretanto, percebe-se que foi ao longo do Segundo império que este procedimento se cristalizou, como um meio de para evitar falsificações (TÉTART-VITTU, 2012, p. 26). Worth não foi o primeiro a etiquetar seus produtos, entretanto, ao se tornar um dos principais costureiros da Imperatriz, colocou o brasão do Império como logomarca, fato que deu a seus produtos um fator de diferenciação no mercado.

Usar um Worth era se distinguir. A peça possuía um aspecto mágico que fazia de sua portadora alguém que se destacava das demais. As reflexões de Bourdieu, em seus artigos – *Alta Costura, Alta Cultura* (1983) e *O Costureiro e sua Grife* (2007) – se fazem, neste ponto, elucidativas. As marcas de Moda cumprem muito bem o seu papel, pois vendem aos seus clientes algo que vai além de uma roupa ou de um acessório para se colocar sobre o corpo. Os produtos carregam a força do sonho, da beleza e da magia. Não são roupas ou acessórios, mas sim bens sagrados capazes de gerar nos consumidores uma transcendência inigualável, o caráter de necessidade espiritual.

As práticas de Worth foram inovadoras por desenvolverem caminhos de fabricação do poder simbólico por meio de imposições do que mais tarde, no século XX, foram chamadas de tendências. Constituem-se como construções desenvolvidas pelos grupos de decisão (BARTHES, 2008, *passim*) que transmutam aquilo que não é indispensável em necessidades básicas, que se naturalizam no estilo de vida de uma classe (BOURDIEU, 1983, *passim*).

Retoma-se aqui o título deste trabalho: *O Precursor da Alta Costura*. Por que **precursor** e não **pai**? Nos jornais pesquisados, aparece às vezes *couture*, mas não *haute couture*. Em 1868, é criado *La Chambre Syndicale de la Confection et de la Couture pour Dames et Fillettes*. Charles Worth participou do grupo que a fundou, mas nunca a presidiu, no máximo, foi vice-presidente. Seu filho, Gaston, dirigiu-a entre 1885 e 1888 (RILEY, 1962, p. 11). Somente em 1910, houve a fundação de *La Chambre Syndicale de La Haute Couture*. Novamente, Gaston marcou sua presença e se tornou o primeiro presidente do órgão.

As regras para que uma grife seja considerada como Alta Costura foram estabelecidas, no início do século XX e o termo surgiu na mesma época. Os principais critérios para que uma grife possa usar o termo *Haute Couture* são: estar registrado no órgão, ter uma sede em Paris, confeccionar peças exclusivas e feitas em sua maior parte à mão, apresentar em Paris a cada estação uma coleção com roupas originais para o dia e para a noite. Worth não criou e muito menos seguiu estas regras. Aliás, ele trilhava os caminhos que desejava diante das exigências do mercado. Por isso, a palavra **pai**, apesar de ser largamente usada, soa muito forte. **Precursor** é mais adequado, pois enquadra-se melhor ao trabalho que desenvolveu e não diminui de maneira nenhuma a importância de todas as portas que abriu.

REFERÊNCIAS

Periódicos

Bibliothèque Forney (Paris)

Journal de Demoiselles, 1858-1860. PERD31RES
La Vie Parisienne, 16 de maio de 1868. PERRÉSFOLU13
La Vie Parisienne, 5 de fevereiro de 1870. PERRÉSFOLU13
Le Moniteur des Dames et Demoiselles, julho de 1855. D32RESPER
Le Moniteur des Dames et Demoiselles, 24 de fevereiro de 1859. D32RÉSPER
Le Monde Élégant, fevereiro de 1863. PERRÉSD6
Le Monde Élégant, fevereiro de 1866. PERRÉSD69
Musée des Familles, março de 1858. PERX23RÉS
Musée des Familles, junho de 1861. PERX23RÉS
Musée des Familles, fevereiro de 1864. PERX23RÉS

Fondation Napoléon (Paris)

Harper's Bazar, março de 1895.

http://www.napoleon.org/en/reading_room/articles/files/471885. Acessado em 10/07/2015.

Bibliografia

ADOLPHUS, F. *Some memories of Paris*. New York: Henry Holt and Company, 1895.

BARTHES, Roland. *Sistema da moda*. SP: Ed. Martins Fontes, 2008.

BOURDIEU, Pierre Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato (org). *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. pag. 82-121.

_____. Alta costura e alta cultura. In: *Questões de sociologia*. RJ: Marco Zero Editora, 1983. Disponível em: <http://www.unifra.br/professores/14299/bourdieu-alta-costura.pdf>. Acessado em 23/01/2014.

DICKENS, Charles. *All the year round*. June-December, 1867.

FEUILLET, Mme. Octave. *Souvenirs et correspondances par Mme. Octave Feuillet*: quelques années de ma vie. Paris: Calmann Levy Éditeur, 1890.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. SP: Companhia das Letras, 2002.

LONERGAN, Walter F. *Forty fears of Paris*. London: Fisher Unwin, 1907.

MARLY, Diana de. *Worth: father of haute couture*. New York-London: Holmes & Meier, 1990.

METTERNICH, Pauline de. *Je ne suis pas jolie, je suis pire – souvenirs 1859-1871*. Tallandier: Paris, [1874] 2008.

TAINÉ, Hippolyte. *Notes sur Paris*. Paris : Libraire Hachette, 1913.

TÉTART-VITTU, Françoise . The origins of haute couture. In: SAILLARD, Oliver; ZAZZO, Anne. *Paris haute couture*. Paris: Flammarion, 2012. P.18-32.

WORTH, Gaston. *La couture et la confecction de vêtements de femmes*. Paris: Imprimerie Chaix, 1895.

WORTH, Jean-Philippe. *A century of fashion*. Boston: Little Brown and Company, 1928.

¹ [...] Worth sentiu que era tempo de seus patrões mostrarem a ele mais respeito. Ele não era nada mais que um supervisor de vendas. Além disso, Gagelin nunca foi atencioso para com Marie Worth. Ela trabalhou ao lado de seu marido e continuou a fazer isso durante suas gestações [...]. Quando ela não estava trabalhando como modelo o dia todo, estava ajudando a vender vestidos [...] Worth, portanto, perguntou se não poderia alugar alguns quartos vazios no prédio para facilitar a vida de Marie, mas Gagelin se recusou! (Tradução nossa).

² Os nomes destas empresas estão entre os que mais aparecem nos anúncios deste periódico de importante circulação na época a abertura da *maison* Worth & Bobergh.

³ Diga-me o nome de sua costureira!

Vossa majestade, ele é um homem, um inglês.

Eu não creio. Um homem? Como ele se chama?

Seu nome é Worth.

Um homem? A ideia de um homem confeccionar meus vestidos é estranha e quase indecente. (Tradução nossa).

⁴ Eu estava tranquilamente instalada a ler uma manhã em minha sala quando minha criada apareceu, tendo um álbum às mãos. Eu lhe perguntava o que ela carregava e ela me respondeu: "Há em minha casa uma jovem moça que gostaria que Vossa Alteza tivesse a bondade de dar uma olhadinha nos desenhos contidos nesse livro. São os croquis de vestidos que faz seu marido. Ele estaria muito interessado em vos fazer um vestido, não importa a qual preço, desde que ele vos fizesse um!

Eu me informei sobre o nome do indivíduo; "Ele se chama Worth, um inglês que ousa pretender fazer toaletes femininas em Paris, uma ideia estranha, eu não os quero sob qualquer pretexto. Vossa Alteza faria bem entretanto de olhar os croquis, replicou a criada, eles me parecem charmosos. Deixe ver, eu disse de um ar entediado, eu duvido que os vestidos de vosso inglês sejam do meu gosto!

Eu abria o álbum e qual não foi minha surpresa, quando na primeira página eu vi um vestido charmoso, na segunda um vestido encantador!... Imediatamente, eu farejava o artista, e eu disse à minha criada: "Traga-me a inglesa. – Não é uma inglesa, é uma francesa puro sangue", me foi respondido e, em poucos instantes, eu vi surgir Madame Worth, modesta, tímida e ruborizada! Ela me disse que seu marido, que foi comissionado na Gagelin – o grande fabricante da época – acabava de se estabelecer com um sueco, um certo Bobergh, e que eles estavam instalados na Rue de la

Paix, número 7; que esses senhores, muito desejosos de me contar entre suas clientes, me rogavam por querer fazer um vestido com eles e que eu devia somente dizer o preço que gostaria de pagar. (Tradução nossa)

⁵ A imperatriz, entrando na sala do trono onde o corpo diplomático se mantinha sempre reunido, percebeu em um piscar de olhos a obra-prima! Quando ela veio a mim, ela me perguntou em seguida quem tinha feito esse vestido tão maravilhosamente belo em sua simplicidade e elegância. “Um inglês, madame, uma estrela que se eleva ao firmamento da moda! – E qual é seu nome? – Worth. Ah bom! retomou a imperatriz, que a estrela tenha satélites, eu vos agradeço de lhe dizer de vir à minha casa amanhã de manhã às 10 horas!” Worth se lançara e eu estava perdida, porque a partir desse momento os vestidos de três francos não viram mais o dia! (Tradução nossa).

⁶ Podemos terminar um traje em vinte e quatro horas. Senhoras francesas solicitavam um vestido de manhã e dançavam à noite. Uma vez, eu fiz um vestido para a Imperatriz Eugênia em três horas e meia. (Tradução nossa).

⁷ Esse pequeno ser seco, preto, nervoso, que tem ar de um prematuro arruivado ao fogo, as recebe em *vareuse* [tipo de casaco] de veludo, magnificamente estendido em um sofá, o cachimbo nos lábios. Ele lhe diz: “Ande, vire-se, bem, volte em oito dias, eu comporei o vestido que lhe convém”. Não era elas que escolhiam, era ele; elas ficam muito felizes. É preciso ainda uma introdução para servir-se de sua mão. Madame Francisque B..., uma pessoa do verdadeiro mundo da elegância, veio o mês passado encomendar um vestido. “– Madame, por quem me sois apresentada? – O que quereis dizer? – Que é preciso me ser apresentada para ser vestida por mim. Ela partiu sufocada. Outras permanecem e dizem: “Que ele seja rude, mas que me vista.”. (Tradução nossa).

⁸ Talvez seu marido, em casa, lhe tenha falado do ótimo artista inglês, que não atenderá qualquer pessoa comum se não for devidamente introduzida por uma distinta cliente. Mas ele estava errado: o costureiro afirma não estabelecer nenhuma distinção e nem grau. Ele é aberto a todos, como a lei. Sra Jenkinater teve seu atendimento [...] como se fosse uma princesa; Ela é levada a uma sala de visitas, e para ela entra o senhor Worth, com um relógio na mão. Ele lança seu olhar sobre a figura da senhora, e de uma só vez “compõe um vestido”. Ele sabe o que irá atendê-la da cabeça aos pés. Ele tem, em geral, teorias muito criteriosas. Com algumas das princesas magníficas que lhe dão carta branca, ele é ousado e magnífico em sua concepção. (Tradução nossa).

⁹ Eu havia comparecido ao casamento da filha do Barão e Baronesa Gustave de Rothschild com o Baron Leonino de Milão, um parente [...] Toda Paris, assim como Londres, estavam interessados no evento. Como eu queria dizer algo sobre o casamento em relação aos vestidos da noiva e das damas de honra que foram projetados pelo renomado senhor Worth, eu fui ver esse cavalheiro. Ele foi gentil [...] Ele era um devoto da vida simples, ou foi, de qualquer maneira o que o irlandês chamaria de um “bom, honesto, decente e respeitável homem” [...].(Tradução nossa).

¹⁰ [...] Eu nunca encontrei nenhum dos Worths novamente. Mas sempre lembrei deles, e eu ainda me lembro, com uma saudável compaixão e com uma sincera gratidão pela mais gentil recepção deles para comigo. (Tradução nossa).

¹¹ Nós não deveríamos mais dizer: A Moda, mas A Fantasia, porque hoje um traje é um mosaico lembrando várias épocas ou diversos países. Nós consagramos um gosto pelo antigo, mas sempre nos mantendo caprichosos e fantasiosos [...] Olhe, entre outras, a loja da Rue de la Paix; lá está um de nossos diamantes mais puros. Muito puro! Lá há luxo, o verdadeiro luxo inspirado pelo progresso de nosso Império de nosso Imperador inglês [...].(Tradução nossa).

¹² [...] ele foi a realização completa, não só da teoria artística e da prática comercial dos vestidos das mulheres [...] a perfeição de seu sucesso lhe permitiu ganhar uma forte e rara distinção em seu nome naquele período: assim como a história fala sobre “a idade de Péricles”, de “a era de Augusto”, de “os tempos do Médici”, e de “o século de Luís Quatorze”, assim também eu tinha ouvido muitas vezes o Segundo Império descrito como “a época de Worth”. (Tradução nossa).

¹³ Como eu digo ocasionalmente, elas têm fé e francos. Fé para acreditar em mim e francos para pagar as minhas contas. Sim, eu gosto das americanas. (Tradução nossa).

¹⁴ [...] Eu nunca pensei nisso dessa forma [...] Influência do vestido no caráter das mulheres? [...] Que pergunta. Você quer dizer que você diz que você não sabe? Por que as mulheres se vestem, é claro, por duas razões: para o prazer de fazer-se bonita, e ainda para a maior alegria de eclipsar as outras [...].(Tradução nossa).

¹⁵ [...] Eu deveria dizer não; pois como você vê, as mulheres que vêm até a mim querem pedir minhas ideias, não querem seguir as suas próprias. Elas entregam-se a mim em confiança e eu decido por elas; isto as torna felizes. Se eu lhes digo que os trajes são adequados, elas não precisam de mais provas. A minha assinatura para seus vestidos é o suficiente! (Tradução nossa).

¹⁶ Escolha? Sim, mas apenas entre as minhas várias sugestões. E muitos poucas a fazem, mesmo assim; a maioria delas deixa tudo para mim [...] Meu negócio não é apenas para executar, mas especialmente para inventar. Minha invenção é o segredo do meu sucesso. Eu não quero que as pessoas inventem para si; se elas fizerem, eu posso perder meu negócio [...].(Tradução nossa)